

O CHOQUE PRODUTIVO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S.Paulo, 28.6.1989

A indicação pelo presidente-eleito da Argentina Carlos Menem de Miguel Roig, do grupo Bunge y Born, para o Ministério da Economia de seu governo representa uma garantia de que não teremos naquele país nem mais uma aventura populista, nem mais uma aventura ortodoxa neoliberal. Chega à direção da economia argentina um empresário, um homem com grande experiência em uma empresa bem sucedida tanto na Argentina quanto no Brasil.

A alternativa para o populismo (distributivista, de esquerda, ou desenvolvimentista, de direita) e para a ortodoxia monetarista neoliberal (sempre de direita) é uma perspectiva neokeynesiana e neo-estruturalista, que busque de forma pragmática o equilíbrio das contas públicas, o controle da inflação via uma combinação de políticas de renda e de políticas fiscais, e o controle das contas externas via uma política cambial realista, via certos controles administrativos e - no caso dos países altamente endividados - através da redução da dívida externa. Através dessa combinação pragmática de políticas econômicas lograr-se-á a estabilidade de preços, a melhoria da distribuição da renda e a retomada do crescimento. Quando a inflação é autônoma ou inercial, o congelamento de preços - o choque "heterodoxo" - será a política de rendas a ser usada, mas terá de ser combinada por medidas fiscais e monetárias muito rígidas (que não são medidas necessariamente "ortodoxas" mas meramente "convencionais").

Roig, entretanto, chegará ao Ministério da Economia da Argentina não com um plano pragmático, mas com um plano baseado nas idéias de Lawrence Klein, que já recebeu o nome de "choque produtivo", em oposição ao "choque heterodoxo" e ao "choque ortodoxo".

Klein é um excelente economista keynesiano, suas propostas são obviamente muito atraentes porque, como no caso do choque heterodoxo puro (e, aliás, também da proposta ortodoxa pura dos monetaristas das expectativas racionais) é uma proposta de estabilização sem custos. Suas propostas, entretanto, não são realistas.

A idéia básica (como aparece no artigo de Klein publicado na Conjuntura Econômica de setembro de 1987) é a de conceder às empresas um financiamento adicional que lhes permitiria aumentar os salários reais sem repassar esse aumento para os preços. Em consequência aumentaria a demanda das empresas, estas aumentariam sua produção e seus lucros, e assim pagariam os empréstimos. Por outro lado se faria uma desvalorização cambial que, em seguida, permitiria o ajuste dos desequilíbrios dos preços relativos, através de uma combinação de impostos sobre exportação e subsídios à exportação de determinados bens. O déficit público seria basicamente combatido através da correção dos preços dos preços das empresas estatais.

Tudo isto é realmente muito atraente, mas não creio que resolverá os problemas da Argentina. Nada se diz em relação à dívida externa, e no entanto aquele país pode pagar no máximo 20 por cento dessa dívida. A crise fiscal, que tem na dívida externa uma causa básica, é muito mais profunda do que se supõe quando se quer resolvê-la com o simples aumento dos preços públicos (mais, naturalmente, o efeito-renda e o efeito Tanzi sobre a receita tributária, que Klein está obviamente pressupondo). O acordo social necessário para que os empresários não repassassem os aumentos de salários para os preços é praticamente impossível. Imaginar que se corrijam preços relativos apenas com um sistema de incentivos e subsídios cambiais não é razoável.

Certamente Miguel Roig, quando assumir o Ministério da Economia da Argentina, ser muito mais realista, muito mais pragmático do que o plano Klein deixa prever. A superação da crise econômica da Argentina exige imaginação - para desenvolver idéias novas - e coragem - para impor os sacrifícios necessários. O "choque produtivo" poderá ser a fonte de inspiração para idéias novas desde que não levado à risca, porque a coragem de ser impopular nos primeiros dois anos de governo e de impor sacrifícios será indispensável.